

## O LIVRO: OBJETO DE ESTUDO E MEMÓRIA DE LEITURA

ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART (UNICAMP).

### Resumo

Este trabalho tem como propósito compreender a interação e o vínculo que se constrói no decorrer do tempo entre leitor e a leitura através do livro. Para efetivação desta pesquisa foram utilizadas entrevistas com pessoas, a partir de cinquenta anos, que guardaram seu livro do período em que estudou, bem como, daquelas que em um determinado momento de suas vidas adquiriram outro exemplar deste impresso, ou mesmo, daqueles que conservaram o livro de outra pessoa. Pelo relato das experiências de leitura que ocorreram com este material, tanto na palavra proferida, quanto na memória restituída, é possível investigar sobre o papel que o livro, enquanto objeto físico, ocupa na relação do leitor com a leitura. Um objeto-livro que torna-se revelador das marcas de um tempo, das lembranças de sua relação com a leitura e dos sentimentos da iniciação de um leitor. Desta forma, a pesquisa destacará o livro como objeto cultural e desencadeador de práticas de leitura. Para tanto, buscar-se-á como suporte teórico as contribuições de Bakhtin (2004) numa compreensão da linguagem no campo da enunciação, de Benjamin (1994) e Certeau (1994) nas noções de experiências e memórias de leitura, de Chartier (1994, 1996, 1999), Darnton (1998) na apreensão da história do livro, da leitura e das práticas que a envolve. Palavras-chave: Livro. Leitura. Leitor. Memórias de leitura.

### Palavras-chave:

LEITURA, LEITOR, LIVRO.

*Mil lugares.*

*Mil cheiros.*

*Mil sensações esquecidas de dezessete anos atrás*

*voltaram pra mim naquela noite. E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode visitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor.*

*(BOJUNGA, 2004: 49)*

Esta comunicação resulta da pesquisa de Mestrado, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O desenvolver desse trabalho moveu-se pela ânsia de averiguar esse *aspecto maravilhoso do livro*: de *guardar*, de *segurar* um momento específico de leitura, tendo como objetivo compreender o vínculo que se estabelece entre o leitor e a leitura por intermédio do livro, como também apreender os sentidos que são atribuídos a este material no decorrer do tempo.

A pesquisa apóia-se na abordagem da História Cultural. Fundamenta-se nas concepções teóricas de Chartier (1990, 1994, 1996, 1998, 1999) e de Darnton (1990) referentes à história do livro, à história da leitura, como uma prática cultural; aos modos de efetivação desta atividade; aos gestos, usos e funções que o livro ocupa(ou) num determinado contexto social e à materialidade do impresso. As proposições de Goulemot (1996), sobre a leitura como produção de sentidos, vêm embasar e complementar os estudos deste texto.

Ao constatarmos que algumas pessoas conservavam consigo um material de leitura durante décadas; que outras se sentiram movidas a encontrar um exemplar do livro em que haviam estudado ou ainda que havia quem guardava um livro que pertencera a outrem. Deparamo-nos com situações bastante instigantes para o desenvolver da pesquisa, sobre as quais questionamos: o que levaria esses sujeitos a conservar um material de leitura durante tanto tempo? Quais sentidos estariam agregados a esse material?

Diante dessas indagações, nos propusemos a olhar para o livro, enquanto objeto físico, investigando qual papel/função ele ocuparia na relação entre o leitor e a leitura, diretamente envolvido na construção de um sentido.

Desta forma, realizamos entrevistas com nove pessoas previamente selecionadas, adotando como critérios a idade e a conservação do material de leitura. Ao utilizarmos os depoimentos como subsídios de análise, subsidiamo-nos nas proposições de Benjamin (1999), Larrosa (2002) sobre a experiência de leitura; de Certeau (1994) e Bosi (1994) sobre as memórias de leitura.

Para melhor sistematização desse texto, optamos por apresentar cada depoente e seu material de leitura de forma restrita. Destacamos, apenas, algumas das principais características da relação construída entre leitor e livro através das experiências de leitura.

### **Da materialidade do livro à interatividade do leitor**

Os estudos referentes à História da Leitura e à História do Livro marcam avanços significativos quanto aos aspectos destinados à produção do impresso, a sua circulação, recepção, apropriação, suporte. Compreender esse universo da materialidade requer não apenas um estudo dos processos de produção deste material, mas também uma aproximação do sujeito que interage com esse impresso, pois, segundo Chartier (1999):

Esta encadernação do texto numa materialidade específica carrega diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isto quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados. (p.18)

Se considerarmos o livro apenas em seu aspecto físico e material, sem a acepção do leitor, teremos apenas um aglomerado de símbolos gráficos impressos em páginas sobrepostas, encadernados e envoltos por uma capa. Como nos descreve Borges (1985), é um objeto repleto de palavras que nada pode falar:

Que são as palavras impressas em um livro? Que significam estes símbolos mortos? Nada, absolutamente. Que é um livro se não o abrimos? É, simplesmente, um cubo

de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara: creio que ele muda a cada instante. (p.11)

No entanto, se considerarmos esse objeto possuído por um sujeito concreto, real, alguém que o toca, e que ao tocá-lo e lê-lo, sente, imagina, reflete, vivencia situações diversas de leitura, ou reconstrói lembranças de outro momento de leitura, promove-se aí um encontro tanto físico quanto afetivo entre o leitor e o livro. A cada contato com esse material acontecerá um novo encontro. Como nos declara Chartier (1994), a leitura não será a mesma, os leitores não serão os mesmos; os livros mudam porque os leitores mudam.

Se para Chartier (1999: 19), "cada leitor, cada espectador produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe", podemos ressaltar que a apropriação é uma produção de sentidos própria de cada leitor. Assim percorreremos os terrenos da singularidade que cercam o sujeito, tomando os cuidados para não ficarmos reféns desta restrição singular, esquecendo a dimensão mais amplamente humana, na qual estamos inseridos.

A leitura, conforme Certeau (1994), não se deixa fixar e não possui reservas, o livro se tornará, então, aquilo que se pode guardar numa estante, numa mesa, na memória. Não (apenas) pelo seu conteúdo, pela história que ensina, pelo estilo do autor, mas porque, naquela edição, com aquela capa, com aquela cor, com aquele tipo de papel e letra, o livro poderá oferecer ou mesmo restituir imagens, fatos, sensações, sentimentos e até pessoas significativas, que estão ligadas a um momento da vida - singular - vivido e gerador de uma experiência e de uma memória de leitura.

Se a leitura não resiste ao esquecimento oferecido pelo tempo, para Certeau (1994), o leitor não pode garantir uma estabilidade daquilo que leu, ou a integralidade do sentido que atribuiu a determinado texto; ao contrário, o livro, como objeto, está ali, sempre acessível, possível de ser visto, tocado, manuseado e lido novamente.

O livro, objeto físico e substancial, contribui para serem firmados diversos sentidos pelo leitor. Esta construção de sentidos varia tanto de indivíduo para indivíduo como para o mesmo. Um único livro poderá suscitar diferentes significados para diferentes leitores e em diferentes tempos e lugares.

É nesse processo de interação leitor/livro, nessa relação entre um sujeito real, historicamente datado e situado, e um material concreto de leitura, que se torna possível a construção de sentidos. Uma relação física, que se efetua pela postura do corpo - sentado, deitado - impondo maneiras distintas de se ler<sup>[1]</sup>, práticas de leitura escolares e não escolares, como também numa relação afetiva, mediante as experiências de leitura, constituem, dessa forma, atitudes do leitor sobre e com este material, possibilitando agregar-lhe um valor.

## **O OBJETO-LIVRO: DO GUARDAR AO (RE) LEMBRAR**

Esse ato guardador aparece rodeado de práticas culturais distintas, merecedoras de análise. Encontramos nove pessoas que, em diferentes circunstâncias, guardam o primeiro livro de leitura. Algumas conservam o mesmo livro do período em que estudaram, outras, depois de um determinado tempo em suas vidas, sentiram-se movidas a (re)encontrar outro exemplar do livro e encontramos pessoas que

trazem consigo um livro que pertenceu a outrem. Guardar o livro *original*, o mesmo material de leitura utilizado no período de escolarização:

1) Efigênia Maria Pereira, de 77 anos, é natural de Pouso Alegre. Nasceu e viveu toda a sua infância num bairro da zona rural, Pantaninho. Casada há 58 anos, é mãe de onze filhos. Embora tenha apenas um ano de escolarização, demonstra um intenso amor pelos livros e pelo estudo. Foi alfabetizada na adolescência, na fazenda de seus pais, por um professor contratado, que adotou a série *Meninice* de Luís Gonzaga Fleury como suporte pedagógico. Preserva-os há sessenta e um anos. Um material que representa um momento significativo de estudo, agregado a valores e a possibilidade de uma vida melhor. O livro torna-se o mediador do conhecimento, aquele que abre o caminho para o saber. Efigênia deixou em cada exemplar uma marca da efetuação de sua leitura; trazem registros escritos do seu nome, do nome do professor, da data de início e término da leitura.

#### ANEXO 1 -

Ilustração 1 - FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

2) Maria Bernadete Goulart Pereira tem 61 anos, é professora aposentada, casada, mãe de dois filhos, natural de São José dos Campos. Entretanto, sempre residiu em Paraisópolis, cidade onde realizou seus estudos até formar-se em Magistério. Guarda a *Cartilha Lalau, Lili e o Lobo* há cinquenta e dois anos - material de leitura usado em sua alfabetização e também (re)utilizado por seus irmãos. As atividades de interação realizadas com a cartilha através do ato de colorir as ilustrações, proporcionaram-lhe sentimentos de prazer e alegria. Numa época de poucos recursos financeiros e tecnológicos, a leitura compunha momentos de distração. Considera a cartilha uma joia, por representar um tempo de sua vida.

#### ANEXO 2 -

Ilustração 2 - GRISI, Rafael. *Cartilha Lalau, Lili e o Lobo*. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

3) Dirce Sanches, 60 anos, é casada, mãe de três filhos, dona de casa. É natural de São Paulo, onde estudou, quando criança, até a quarta série. Após casar-se, mudou-se inúmeras vezes de cidade/estado devido à profissão de seu cônjuge. Guarda o livro *O tesouro da criança* de Antônio D'Ávila, há cinquenta anos, utilizado em sua quarta série primária. O livro acompanhou-a em todas as mudanças. É um material que representa sua escolarização, seu amor pelo estudo e por um período da vida em que sentiu-se valorizada e capaz. O livro apresenta-se envolto por uma capa de tecido, contendo um bordado das iniciais do nome *D.S*, feitos por ela quando criança. Um objeto que é considerado uma joia, por conservar lembranças de um tempo da infância e um tempo de escolarização. Seu depoimento, também revela uma prática de leitura ensinada pela professora, efetuada mediante posturas e gestos específicos.

#### ANEXO 3 -

Ilustração 3 - D'ÁVILA, Antônio. *O tesouro da criança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

4) Maria Aparecida Perina Francescato, natural de Mogi Guaçu, São Paulo, onde cresceu e completou seus estudos. Casada, mãe de três filhas, reside em Pouso Alegre há mais de vinte anos. É professora titular da FAFIEP em Literatura Latina,

Literatura Norte-Americana e Cultura Brasileira da Univás - Universidade do Vale do Sapucaí - na qual leciona há 19 anos. Cida guarda o almanaque *Jeca Tatuzinho* há sessenta e quatro anos. Esse almanaque pertenceu a seu pai, uma figura significativa em sua vida. Um material que, embora usado por todos da família, mantém-se em perfeito estado de conservação. Representa além de um tempo de sua vida: a infância e a intensa relação paterna, representa também a imagem de seu pai, tocá-lo é tocar nas mãos do próprio pai.

#### ANEXO 4 -

Ilustração 4 - LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatuzinho*. 13. ed. São Paulo, 1944.

5) Maria Virgínia Krepp, 57 anos, é professora de história aposentada, casada e mãe de dois filhos. É natural de Santa Rita do Sapucaí, mas sempre residiu em Ouro Fino (MG), onde completou seus estudos. Guarda há cinquenta anos a coleção *Reino infantil*. Presenteada por seus pais com essa coleção, numa festividade natalina, é considerada uma verdadeira relíquia, por representar o amor e o carinho que eles tiveram por ela. Mudou-se várias vezes, devido à profissão do marido, mas manteve sua residência em Ouro Fino e ali conservava incólumes seus livros.

#### ANEXO 5 -

Ilustração 5 - Coleção Reino infantil. São Paulo: Editora LEP, 1956.

Identificamos o ato de guardar outro exemplar do livro através de pessoas que, em um determinado momento de suas vidas, sentiram-se movidas a (re)encontrar o material de leitura que acompanhou o momento da escolarização:

1) Maria Aparecida Cobra Borges, conhecida por todos como Nubinha, 79 anos, é professora e supervisora escolar, completando 50 anos de magistério. Ao exercer sua carreira docente sentiu-se movida a (re)encontrar o livro que marcou o início de sua escolarização: *A bonequinha preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira, material de leitura utilizado em sua alfabetização. A procura, a princípio, foi para um auxílio pedagógico, depois por apreço e por tudo o que ele representava. Um livro que é considerado por ela uma relíquia, uma joia.

#### ANEXO 6 -

Ilustração 6 - OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *A bonequinha preta*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

2) Márcio Silva Souza, 48 anos, é sacerdote há vinte anos, nasceu em Itabira, (MG). Atualmente exerce a função de pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, na cidade de Pouso Alegre. Demonstra um gosto pela leitura e pelos livros, não apenas pela profissão e posição que ocupa, mas por ter uma vida de envolvimento com leituras que lhe foram significativas. Depois de sua ordenação encontrou num sebo os livros, *As mais belas histórias*, de Lúcia Casasanta - material adotado como livro base em todas as séries primárias na escola em que estudou. Estes livros foram, ainda, usados por seus irmãos, um material que era (re)utilizado pelo irmão mais novo. Denomina-os não como um material de leitura individual, mas como um objeto *familiar*.

#### ANEXO 7 -

Ilustração 7 - CASASANTA, Lúcia. **As mais belas histórias**. 79. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.].

3) Maria Helena Cunha Narciso, 59 anos, é casada, mãe de dois filhos, natural de Pouso Alegre. Estudou parte da sua infância na fazenda dos pais em São Sebastião da Bela Vista (MG), depois num colégio interno em Borda da Mata. É supervisora, atuante na educação e encontrou, em bibliotecas escolares, os livros que acompanharam sua infância. Três livros, que foram muito significativos para ela: a *Cartilha Sodré*, de Benedicta Stahl Sodré; *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi e o livro *A poesia na escola*[9], [s.a.]. Um material que fora utilizado em sua alfabetização, por eles demonstra admiração e apreço por representarem um tempo de escola, de vida e uma metodologia de alfabetização que é condizente com a sua prática pedagógica.

Encontramos uma senhora, Maria de Barros, de 85 anos, solteira, natural de Paraisópolis, trazendo sob ternos cuidados uma cartilha que pertenceu à sua mãe, a *Cartilha nacional*[10]. Esse ato de guardar um livro que pertenceu a outrem possibilita revelações tanto do objeto legado, quanto do antigo proprietário. A esta cartilha é atribuída um valor afetivo por representar uma relação materna, e também a imagem da mãe, uma pessoa significativa em sua vida.

## O OBJETO-LIVRO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Através dos depoimentos e da análise do material selecionado[11], percebemos que o livro, enquanto objeto físico, possui algo mais do que ele aparenta, algo que vai além de seu conteúdo, de suas histórias, de seus escritos, de sua materialidade.

O livro-objeto pode assumir um papel importante na reconstituição de cenas e momentos, pode tornar-se um amuleto de memória, um elo entre o indivíduo e seu passado. Olhar para esse material é buscar reminiscências de situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não se pode cair no esquecimento, ele torna-se "*uma extensão da memória e da imaginação*" Borges (1985: 5).

O material de leitura (livro/cartilha/almanaque) aparece como um mundo a ser (re)descoberto, (re)sentido quer pelo valor de seu texto, pela força que sua história tem sobre o leitor, quer pelas lembranças das experiências de leitura nele impregnadas, quer por tudo o que significou em um determinado tempo.

Benjamin (1978)[12], citado por Manguel (1997), ao relatar sua experiência de leitura quando criança, fala sobre essa força da história:

O mundo que se revela no livro e o próprio livro jamais poderiam ser, de forma alguma, separados. Assim, junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável. Queimavam dentro dele, lançavam chamas a partir dele; localizados não somente em sua encadernação ou em suas figuras, estavam entesouradas em títulos de capítulos e capitulares, em parágrafos e colunas. Você não lia livros; habitava neles, morava entre suas linhas e, reabrindo-os depois de um intervalo, surpreendia-se no ponto onde havia parado. (BENJAMIN, 1978 *apud* MANGUEL, 1997: 25)

As experiências de leitura, vivenciadas por cada entrevistado, são este "*mundo que se revela no livro*". Através do objeto-livro, conservado por décadas, podemos constatar que "*junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável.*" As histórias, a materialidade do livro, os valores dados ao ato de ler ou ao conteúdo, ou ainda ao objeto, (con)formam o leitor, passam a fazer parte dele.

Como nas palavras de Manguel (1997: 25): "Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava." Os relatos de uma experiência com o primeiro livro de leitura, eram vivências reais de um determinado momento de suas vidas, que "*queimavam dentro dele(s)*", que ardiavam por se revelar.

Alguns dos livros trazem marcas de atos concretos de leitura. Ao depararmos com os vestígios presentes nas páginas do material de leitura selecionado, deparamos com a história de uma relação do leitor com este material: "*Um livro traz sua própria história ao leitor.*" (MANGUEL, 1997: 30)

O contato entre o leitor e o impresso acontece na exterioridade, se efetua através da materialidade do livro, deixando sobre ele as suas marcas, os sinais de sua leitura, de seu manuseio e do que o leitor quis que se fizesse sinal de leitura.

Algumas marcas são reveladoras da posse do livro-objeto, consideradas, nessa pesquisa, os sinais deixados pelo leitor demarcando a sua ação sobre o próprio objeto. Marcas que aparecem através da escrita do nome completo, como registro do pertencer aquele objeto, ou a escrita do nome completo do professor, ou um registro de quando iniciou e encerrou a leitura do livro, uma espécie de controle do tempo que se levou para realizar a leitura do livro. Marcas de uma interação através do ato de colorir as ilustrações.

Outras mostram os sinais de zelo, de apreço, um vestígio deixado pelo leitor demonstrando, assim, um gesto de carinho com o material. Quando o livro-objeto traz um revestimento de uma capa de papel ou de pano, com intuito de preservá-lo limpo, sem manchas, demonstra um desejo do leitor de conservar a materialidade do impresso por mais tempo.

Constatamos também, que os livros trazem marcas não visíveis, marcas que descobrimos, apenas, quando o leitor relata suas memórias de experiências de leitura com o objeto-livro, e nelas elas percebemos os sinais de afetividade.

A leitura não se mostrou um ato isolado, mas uma atividade repleta de práticas que acompanham o leitor. Ao buscarmos um livro encontramos, também, modos de ler, modos de conservação, um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que aconteciam em cumplicidade, lia-se com o outro e para o outro.

Estas práticas de leitura mostram o ato de ler como uma atividade desejosa pela criança. Há uma procura pela leitura/escrita, quer pelo incentivo de uma autoridade - o professor, o pai, a mãe -, quer pela própria necessidade do domínio dessa prática: "há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas." (CHARTIER, 1999: 91)

O livro pode vir tanto como uma fonte de abastecimento à memória, como pode assumir a função de um objeto de representação, quando, ao olhar para o impresso, olha-se para um material e atribui-se-lhe um valor: *tesouro, joia, relíquia, objeto mágico.*

Um material que pode representar relações sociais, e ainda a figura de uma pessoa que fora significativa. Representar a imagem do pai, para Cida Francescato, uma figura masculina importante na formação pessoal; ou a imagem da mãe, para Maria de Barros. Ser uma referência profissional, ou mesmo, na construção de valores, para o Pe. Márcio.

Verifica-se uma relação de envolvimento de atitudes concretas e afetivas entre o leitor e a leitura, em que o livro ganha um papel de agente condutor e propulsor de ações. Primeiro, quando se efetivaram as leituras, lia-se para/com alguém, uma lia-se e comentava-se imagens, deixam-se marcas, realizavam-se intervenções sobre a imagem pelo ato de colorir, ou mesmo ações desafiadoras de decorar, de declamar o texto ou de cantá-lo. Depois, pelas representações que lhe são atribuídas, pelas experiências de leitura vivenciadas, o livro recebe a função de um agente reconstituído de lembranças.

São todas essas diversas relações entre um leitor e seu objeto-livro que possibilitam a construção de um sentido, e isso só é possível por meio das atitudes do leitor. (GOULEMOT, 2001)

O livro traz mesmo uma *Dupla delícia*, como percebe Mário Quintana (2006: 306) ao escrever: "O livro traz a vantagem da gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado". Podemos destacar que o *estar acompanhado* por um objeto-livro é algo mais do que estar envolvido por um enredo, por uma narrativa, por belos versos, é estar acompanhado e envolvido por tudo aquilo que o livro representa, pelos sentidos que lhe foram atribuídos e por tudo aquilo que um dia foi possível vivenciar junto com ele.

E esta *dupla delícia* se torna acessível apenas quando o leitor permite compartilhar um pouco das muitas experiências de leitura que sua memória reconstrói.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica. Arte e política.** Obras Escolhidas. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOJUNGA, L. **Livro - um encontro.** 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais.** Trad. de Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **História Cultural:** entre práticas e representações. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. M. Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. **Práticas da leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.



\_\_\_\_\_. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

LAROSSA, J. B. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: n.º 19, 2002.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUINTANA, Mário. **Prosa e verso**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

#### **Obras selecionadas:**

CASASANTA, Lúcia. **As mais belas histórias**. 79. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.]

D'ÁVILA, Antônio. **O tesouro da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Capa.

FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

GRISI, Rafael. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

\_\_\_\_\_. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1968.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13. ed. São Paulo, 1944

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

REINO infantil. São Paulo: Editora LEP, 1956. (Coleção)

RIBEIRO, Hilário. **Cartilha nacional**. 244.ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1954.

SODRÉ, Benedicta Sthal. **Cartilha Sodré**. 250.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional: 1977.

MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. **A poesia na escola**: coletânea de poesias sugeridas pelos programas de ensino primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

---

[1] GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura**, São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

[9] SODRÉ, Benedicta Sthal. **Cartilha Sodré**. 250. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977; Grisi, Rafael. **Lalau, Lili e o Lobo**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1968; MINAS GERAIS. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. **A poesia na escola**: coletânea de poesias sugeridas pelos programas de ensino primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

[10] A *Cartilha nacional* de Hilário Ribeiro, escrita pelo autor para um ensino "simultâneo de leitura e escrita", aproximadamente 1880, contribuiu para a nacionalização da literatura didática no Brasil.

[11] Os depoimentos e análise do material de leitura, encontram-se no texto completo, *O Livro: Objeto de estudo e de memória de leitura*, (GOULART, 2009).

[12] Cf. BENJAMIN, W. Reflections. Nova York: Peter Demetz, 1978 *apud* MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.

LUÍS GONZAGA FLEURY

# MENINICE

1.º



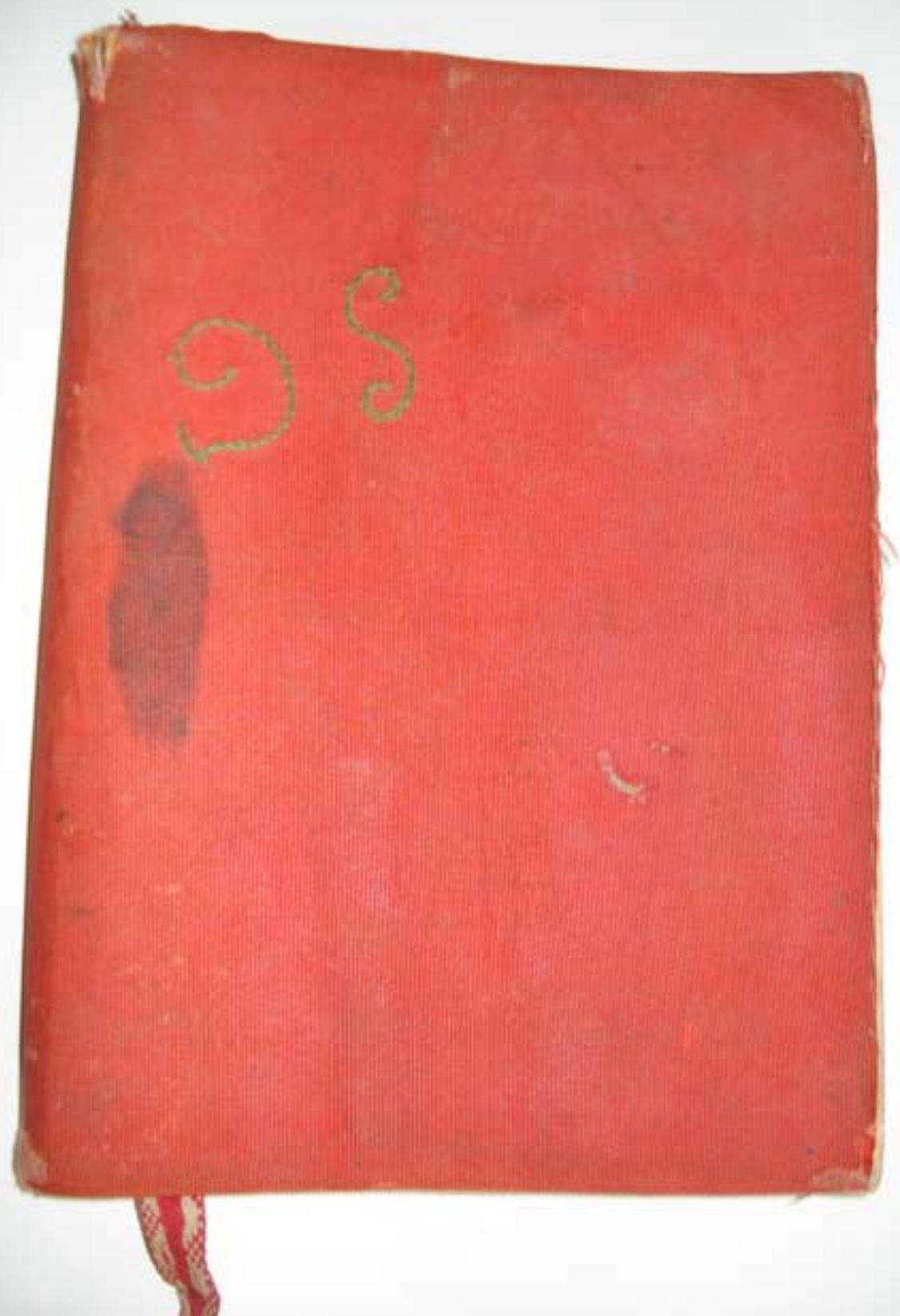
Companhia Editora Nacional · São Paulo

RAFAEL GRISI

LALAU, LILI  
e o  
LÔBO...



CARTILHA



# Jeca Tatuzinho

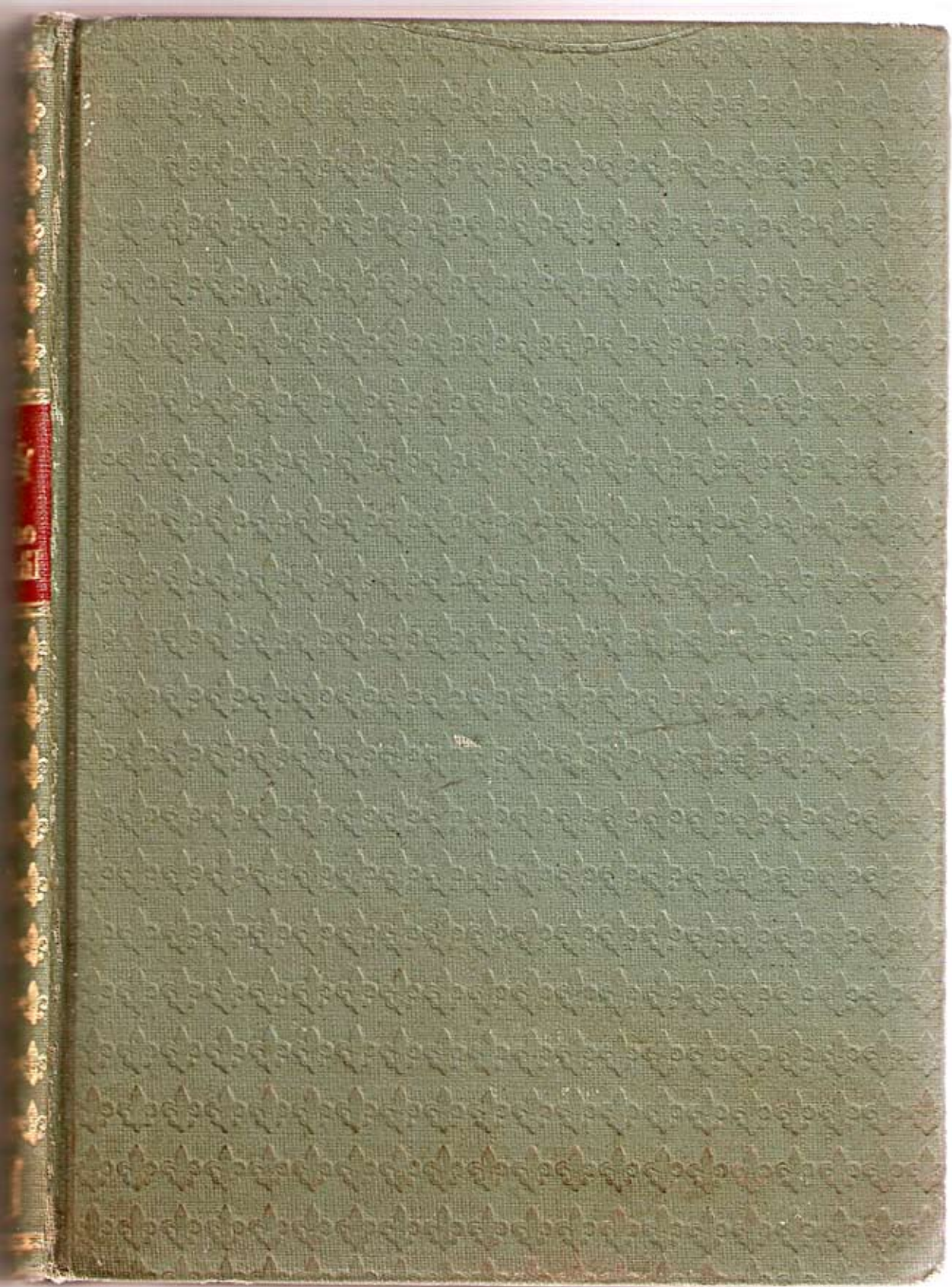
MONTEIRO  
LOBATO



J. CAMPOS

13ª EDIÇÃO - REVISTA PELO AUTOR - NA QUAL  
SE COMPLETAM 12 MILHÕES DE EXEMPLARES - 1944

DISTRIBUIÇÃO GRÁTUITA



ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA

# A BONEQUINHA PRETA



EDITORA LÉ

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO ESTADO DE MINAS GERAIS





LÚCIA CASASANTA

# As mais belas Histórias

PRIMEIRO LIVRO

EDITORA DO BRASIL EM MINAS GERAIS LTDA

*glau*